

Autor: Castro

“Eu estava ocupado, imaginando como sufocaria todo mundo naquela sala”: daquilo que toleramos, politicamente...



O que leva um candidato eleitoral a imaginar que uma carreta barulhenta, num dia reservado ao descanso, poderia angariar votos em seu favor? Que isto seja levado a cabo por políticos demagogos, acostumados à imposição de suas vontades sobre as liberdades de outrem, mediante falso convencimento massivo, é algo a ser lamentado. Mas que isso seja também efetivado por políticos progressistas atinge um viés sobremaneira preocupante: chegou-se a um momento em que as diferenças comportamentais entre opositores ideológicos são obliteradas pelo nivelamento procedimental: na guerra pela atenção dos votantes, tudo vale? Já que, em âmbito democrático, somos obrigados a escolher pela opção “menos pior” entre aquelas disponíveis, a malevolência instala-se em nosso cotidiano como um efeito colateral “incontornável”, de modo que somos orientados a fingir que ela não está lá...

É neste sentido que um filme como “Zona de Interesse” (2023, de Jonathan Glazer) revela-se tão contundente. Vencedor do Grande Prêmio no Festival de Cannes, em 2023, além de uma láurea pela perturbadora trilha musical de Mica Levi, este longa-metragem também foi exitoso em duas categorias no Oscar 2024: Melhor Filme Internacional e Melhor Som. Ao vencer nesta segunda categoria, os aplausos e gritos foram estrondosos no auditório: era o grande merecedor, sem dúvidas. Porém, não soa um tanto incoerente celebrar, de maneira entusiástica, aquilo que, na tela, nos sufoca? “É apenas um filme!”, eis o tipo de discurso que esse tipo de competição artística deixa evidente. O que fica enquanto mensagem, depois que constatamos que a mais potente das obras cinematográficas pode ser reduzida a um mero produto da Indústria Cultural, como qualquer outro?

“Zona de Interesse” é um filme atravessado por diversos paradoxos e contradições. A recepção crítica a ele foi bastante dividida, aliás: muitos apressaram-se em celebrar a produção como genial, por conta dos experimentalismos de seu diretor, que não mostra o Campo de Concentração de Auschwitz e, ao invés disso, faz com que percebamos o que acontece ali através de ruídos onipresentes e atemorizantes; houve quem tachasse o filme de ignóbil e manipulador pelos mesmos motivos, alegando que o realizador se serviu de um pretexto atroz para exhibir o seu virtuosismo técnico. E há quem considere que ambas as categorias não são necessariamente excludentes: o filme pode ser genial e manipulador ao mesmo tempo, não obstante, mais uma vez, esbarrarmos em ponderações éticas sobre o que (não) é mostrado: afinal, há, sim, uma espetacularização do sofrimento das pessoas mortas, visto que nos esforçamos para ouvir o que acontece por detrás dos muros que cercam os ambientes onde se desenrola a tediosa ação familiar.

Em tese, não há bem uma trama neste filme, mas sim o deslindamento de uma situação: o comandante nazista Rudolf Höss (Christian Friedel) vive com sua esposa Hedwig (Sandra Hüller) numa enorme residência, em Auschwitz, na Polônia, durante a II Guerra Mundial. Ele trabalha o dia inteiro, selecionando judeus saudáveis, a fim de submetê-los a trabalhos forçados no campo de concentração, enquanto ela cuida dos cinco filhos e recebe presentes (casacos de pele, joias, etc.) roubados dos judeus aprisionados. Em determinado momento, Rudolf recebe a notícia de que será transferido para outra cidade, mas ela deseja permanecer onde está, pois adora ser chamada de “rainha de Auschwitz”. Dentro da casa, comida farta, rosas perfeitas e camas separadas para o casal; do lado de fora, gritos, fome, maus tratos, morte e pessoas carbonizadas. O som dos latidos de cães ferozes e tiros disparados contra pessoas desarmadas é perene!

Adaptado livremente do romance homônimo escrito por Martin Amis [1949–2023], que faleceu poucos dias antes de o filme estrear no Festival de Cannes, “Zona de Interesse” não aproveita a estrutura tripartite do livro, que se divide entre os relatos patrióticos de um soldado apaixonado pela esposa de seu comandante; os cálculos numéricos deste último, sufocado pelas contínuas exigências burocráticas do extermínio de pessoas; e o desespero progressivo de Szmul, um ‘sonderkommando’ que amaldiçoa diariamente a sua sujeição à mais desprezível das funções: conduzir seus companheiros de religião para o sufocamento nas câmaras de gás. Os segmentos capitulares narrados por Szmul são mui reduzidos, em relação aos demais, mas impressionam pela pujança e pela desolação. Em dado momento, ele diz: *“não tenho mais medo da morte, embora ainda tenha medo do processo da morte. Tenho medo de morrer porque vai doer. Isso é tudo o que me prende à vida: o fato de que deixá-la vai doer. Causará dor!”* Trata-se de um livro inclemente, que só não é uma obra-prima porque não há como terminar uma história como essa. O filme, entretanto, é mais incisivo neste requisito: o desfecho obriga-nos a reagir acerca de um genocídio travado no presente. Em seu discurso de agradecimento, no Oscar, o diretor Jonathan Glazer afirmou que, na atualidade, tanto israelenses quanto palestinos são submetidos à mesma desumanização exposta em sua obra, o que causou forte polêmica entre os profissionais cinematográficos de origem judia, que assinaram um documento em repúdio. Ele não tem razão? Votar em quem, depois disso?

Wesley Pereira de Castro.

Data de Publicação: 04-10-2024